

Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Abril 1991



Oferta Especial para a reconstrução da antiga Igreja de S. Julião

— 25 de Maio de 1991 —

A pequena sala de S. Julião é um dos mais antigos monumentos adventistas da área de Portalegre.

“O trabalho em S. Julião começou logo a seguir à Ribeira de Nisa, sendo o primeiro interessado o sr. João Ferreira Jacob, então guarda fiscal nessa zona, e que veio mais tarde a baptizar-se. Em 1952 foi adquirida uma casa, onde os membros passaram a reunir-se. A igreja de S. Julião, que chegou a ter um número razoável de membros, foi dissolvida em 1979, devido à morte ou mudança de residência da maior

parte dos seus componentes, tendo sido nesse ano transferidos para a igreja de Portalegre os membros que restavam.

De S. Julião, por sua vez, irradiou o trabalho para Sto. António das Areias.” — *Revista Adventista*, Julho de 1979.

Em S. Julião continuam a existir alguns membros de igreja que, infelizmente, não têm onde reunir-se, devido ao estado deplorável em que se encontra o velho edifício.

Gostaríamos de pedir a todos os membros das nossas igrejas para colaborar numa **oferta especial**, que será levanta-

tada no próximo dia **25 de Maio**, e que se destina, precisamente, à reconstrução desta igreja.

O edifício actual dispõe ainda de pequenas salas e de uma vasta cozinha, que poderão ser aproveitadas para actividades dos jovens. Pensamos que a sua reconstrução proporcionará também uma excelente oportunidade para ampliar o nosso trabalho e desenvolver a Igreja naquela linda aldeia alentejana, pelo que contamos com o interesse e participação de todos, que antecipadamente agradecemos.

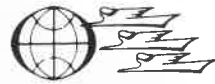
J. Morgado.



PENSAMENTO DO MÊS

«Primeiro fale a Deus sobre os seus filhos; depois, fale aos seus filhos acerca de Deus.» — *Jo Tenjford*

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Abril de 1991
Ano L • N.º 529

DIRECTOR:

J. Morgado

REDACTORA:

M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex
Telef. 542169

PREÇOS:

Assinatura Anual 850\$00
Número Avulso 85\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.
Vale Travelho • Pedreiras
2480 Porto de Mós
Telef. (044) 402413

Depósito Legal n.º 2705/83

Sumário

- 2 **Oferta Especial para a reconstrução da antiga Igreja de S. Julião**
Por J. Morgado
- 3 **Campanha das Missões**
Por J. Morgado
- 4 **Nós o Veremos**
No cumprimento da Profecia
Por Enoch de Oliveira
- 6 **Que Escola?**
Uma escolha de alcance eterno
Por Gustavo Samuel Grave
- 8 **Como vêem os adolescentes a Igreja?**
Por John Graz
- 11 **Deus ainda controla os acontecimentos deste mundo**
Por A. Nunes
- 12 **A Doutrina da Justificação pela Fé, segundo Karl Barth:**
Breves elementos de apreciação
Por Paulo Renato Garrochinho
- 14 **A Família Walkus: De Sociedade com Deus**
Por Myrna Tetz
- 16 **Psiquiatria e Psicologia: Oferecem estas «Ciências» alguma solução?**
Por Paulo Cordeiro
- 19 **Notícias do Campo**

Campanha das Missões



A palavra *missão* parece estar antiquada no vocabulário adventista do fim do século

XX. No entanto, ela é absolutamente actual no contexto da responsabilidade que o Senhor nos confiou de levar a todo o mundo esta maravilhosa mensagem da salvação em Jesus Cristo.

Poderíamos dizer, em termos guerreiros, que as missões equivalem ao exército que está na frente de batalha, enfrentando os problemas mais prementes — os doentes, os famintos, os abandonados, os deslocados das suas casas — que requerem solução imediata: tratar e medicamentar, matar a fome e vestir, colocar em abrigos, ajudar material e moralmente e, a seguir, ensinar a viverem melhor, a reconstruírem as suas casas, as suas lavras, a obterem água, etc., etc.

Para que esta acção possa ser desenvolvida por aqueles que estão na frente de batalha, são necessários meios, que nós, os da retaguarda, podemos conseguir. Eis, pois, a grande

missão da Igreja durante o mês de Abril: obter meios para sustentar a obra missionária mundial, que continua a ser uma necessidade cujo valor e importância não diminuiram.

Ao mesmo tempo, também o exército da retaguarda tem algumas necessidades que, às vezes, precisam de ajuda. Lembramos as acções para uma vida melhor: planos de 5 dias, lares para idosos, acções escolares, etc., etc.

Desejo agradecer todo o esforço que em anos anteriores os nossos irmãos, amigos e jovens têm realizado. E um esforço nobre, desinteressado, que tem contribuído para sustentar esta obra maravilhosa.

Recordamos as palavras que um dia Jesus dirigirá, no momento do Seu regresso, àqueles que O esperam. Haverá uma divisão nítida entre os que se envolveram no trabalho em favor do próximo e aqueles que cruzaram os braços. Num exército, todos têm que fazer a sua parte para que a vitória possa ser alcançada.

Neste momento, a Igreja está empenhada em muitas acções de auxílio. Basta lembrar Angola e Moçambique, onde a assistência às populações, através da ADRA, a organização legal adventista para auxílio e desenvolvimento, tem sido bastante notável.

Permita o Senhor que os objectivos financeiros que nos

propusemos possam ser alcançados e ultrapassados, porque, assim, estaremos contribuindo para que o Evangelho se transforme em algo de prático nas nossas vidas e nas daqueles que hão-de beneficiar dos dons que vamos ajudar a recolher.

Não esqueçamos, contudo, que a Campanha das Missões também nos oferece uma óptima oportunidade para levar a outros a mensagem da salvação. Terminamos, pois, com o conselho da irmã White: “A todos quantos se acham prestes a encetar uma obra missionária especial com a revista preparada para usar na Campanha das Missões, desejaria dizer: Sêde diligentes nos vossos esforços; vivei sob a direcção do Espírito Santo. Ampliai diariamente a vossa experiência cristã. Que aqueles que possuem aptidões especiais trabalhem pelos descrentes colocados nas mais altas posições, assim como nas mais humildes. Buscai diligentemente as almas que estão a perecer.” — *Serviço Cristão*, p. 169.

J. Morgado



Nós o Veremos

No cumprimento da Profecia

*Mensagem devocional
apresentada na segunda-
feira, 9 de Julho,
em Indianápolis*

«Marilyn suicidou-se! Marilyn Monroe suicidou-se!»

Chocadas pelas trágicas notícias, as pessoas aglomeravam-se para comprar o jornal *San Francisco Chronicle*. Foi na manhã do dia 6 de Agosto de 1962, ao entrar num hotel de S. Francisco, que tomei conhecimento da notícia, ouvindo os ardinas, que a apregoavam.

Possuidora de grande riqueza, de beleza física e grande popularidade, Marilyn Monroe nunca desfrutou de paz interior. Só conseguia dormir com fortes tranquilizantes e tinha de tomar estimulantes para obter a energia de que precisava para realizar as tarefas do dia-a-dia. É que a felicidade que ela buscava tão diligentemente só pode ser encontrada em Jesus.

Quão só Marilyn se deve ter sentido naquela última noite! Quando nos sentimos sós e em aflição, vivendo dias cheios de nuvens de tristeza e noites de ansiedade, devemos lembrar-nos que há uma promessa em que podemos confiar: «Eis que eu estou convosco, todos os dias, até à consumação dos séculos» (Mat. 28:20).

Nós sabemos que Cristo não somente estará ao nosso lado para nos ajudar a lidar com os nossos problemas e desapontamentos, mas que em breve Ele há-de voltar a este mundo para estabelecer o Seu reino. Então todas as ansiedades da vida serão esquecidas, todas as perplexidades desaparecerão. As nossas mais caras esperan-

ças serão concretizadas e os nossos sonhos convertidos em realidade.

Esta esperança não repousa sobre qualquer dogma ou tradição da igreja, mas sim sobre a palavra plena de autoridade de Jesus, dos anjos e dos apóstolos. Disse Jesus, dirigindo-Se aos discípulos, num momento sombrio, cheio de tensões e temores: «Não se turbe o vosso coração... Virei outra vez» (João 14:1-3).

Com semelhante convicção, os anjos anunciaram no momento da ascensão de Cristo: «Esse Jesus, que de entre vós foi recebido em cima, no céu, há-de vir, assim, como para o céu o vistes ir» (Actos 1:11).

Paulo, o apóstolo das nações, proclamou: «Porque o mesmo Senhor descerá do céu, ... e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles, nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor» (I Tess. 4:16, 17).

De Pedro, com a sua percepção do futuro, temos a seguinte exortação: «Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados, e venham assim os tempos do refrigério, pela presença do Senhor e envie ele a Jesus Cristo, que já dantes vos foi pregado» (Actos 3:19, 20).

E João, o discípulo amado? Acreditava ele nesta promessa? «Eis que vem com as nuvens» diz João, «e todo o olho o verá, até os mesmos que o traspassaram» (Apoc. 1:7).

A Promessa ao longo dos séculos

Tão vitalmente importante era esta mensagem — «o Senhor vem» — que os pregadores do século primeiro con-

seguiram electrizar o mundo romano com a sua vibrante proclamação.

Prisão, tortura, e até mesmo o martírio, não conseguiram apagar o seu entusiasmo e fervor. Com extraordinária determinação, eles foram de lugar em lugar, inspirados por estas duas palavras aramaicas: *Marana tha* (O Senhor vem).

Com o passar dos anos, porém, a «bem-aventurada esperança» perdeu a sua importância. Especulações teológicas e interpretações alegóricas trabalharam contra o fervor adventista e trevas religiosas desabaram sobre as nações. As nuvens cobriram o mundo. A lâmpada da profecia deixou de brilhar e a perspectiva da volta de Jesus perdeu o seu apelo.

Alguns séculos mais tarde, a Reforma reacendeu a chama da esperança na volta de nosso Senhor. Com convincente poder e inebriante confiança, Lutero e os seus associados alteraram a estrutura medieval de cima a baixo, ao proclamarem a justiça pela fé e a sua esperança no regresso do Senhor.

Mas no século XVIII, muitos estudiosos deixaram-se seduzir pelas expectativas de uma «era de ouro». Em lugar da escatologia bíblica, passaram a ensinar a ideia de um milénio no mundo, no qual haveriam de reinar paz, prosperidade e justiça social. E com esta utopia, a chama da esperança do Advento esmoreceu uma vez mais e quase se apagou.

O despertamento do Advento

A primeira parte do século XIX foi caracterizada por um reavivamento religioso interconfessional, inspirado pelos ideais da «bem-aventurada esperança». Os efeitos das crueldades per-

petradas durante os tempestuosos dias da Revolução Francesa e a devastação das guerras napoleônicas abalavam ainda o mundo, abrindo caminho ao grande despertamento adventista.

Foi desse reavivamento do século passado que saiu a Igreja Adventista do Sétimo Dia, com a sua proclamação apocalíptica centrada no contexto da tríplice mensagem angélica. De facto, após o grande Desapontamento de 1844 e a lamentável fragmentação dos Milleritas, Deus estendeu a Sua mão cheia de graça e poder. Como Oleiro Divino, Ele apanhou as peças e voltou a moldar o corpo da Sua igreja, iluminando-o com novas revelações da Sua vontade. E com o poder do Seu braço, Ele a guiou a «toda a nação, tribo, língua e povo» (Apoc. 14:6) para iluminar o mundo com a glória da sua mensagem.

A despeito de oposição, troça e desdém, Tiago e Ellen White, José Bates, Hiram Edson, John Andrews e um exército de outros fiéis pregadores, galvanizados por uma forte convicção, transformaram o desastre de 1844 num poderoso movimento conhecido pelo seu notável sentido de missão e destino.

Eles foram bem sucedidos nos seus empreendimentos missionários porque não pregavam «fábulas artificialmente compostas» (II Ped. 1:16), mas a «segura palavra profética» (verso 19).

Contudo, depois de 146 anos, estamos nós proclamando ainda a iminência da segunda vinda de Cristo com o mesmo zelo e ardor dos nossos pioneiros? Estamos nós preparando-nos para os extraordinários acontecimentos quase a desabar sobre o mundo? Ou vamo-nos tornando descuidosos, mundanos, auto-satisfeitos e tão conhecedores da nossa pregação profética que esta perdeu o seu significado para nós?

A alarmante sucessão dos recentes acontecimentos traz ao nosso espírito a forte convicção de que Cristo está quase a iniciar a Sua triunfal volta a este mundo. O açoitamento da guerra, a sinistra presença da pobreza e fome que levam à morte, a intensificação dos desastres naturais, a explosão urbana, o suicídio ecológico, o declínio religioso, a crescente lassidão em questões morais, e muitos outros sinais indicam-nos a proximidade dessa brilhante consumação.

«Ora vem, Senhor Jesus»

A nossa geração está testemunhando o desenvolver da insanidade como um fogo incontrolável na nossa sociedade. Um furacão de violência está varrendo o mundo. Uma crescente maré de delinquência está solapando os fundamentos das nossas estruturas sociais. Esta assustadora realidade leva-nos a repetir a súplica apocalíptica: «Ora vem, Senhor Jesus!» (Apoc. 22:20).

Não podemos ignorar que no mundo existem hoje enormes multidões que são presas das impiedosas garras da fome. De facto, há mais de 500 milhões de pessoas — homens, mulheres e crianças — que neste mesmo momento seguram com mãos trementes pratos vazios. Eles são símbolos da miséria que ameaça a paz social do mundo. Esta impressionante situação leva-nos a erguer as nossas vozes e orar: «Ora vem, Senhor Jesus!»

De acordo com as autoridades de saúde, há, só nos Estados Unidos, um milhão de pessoas infectadas pelo vírus da SIDA. Milhares delas morrerão nos próximos cinco anos e em circunstâncias terríveis. Oh, quão significativas são as palavras: «Ora vem, Senhor Jesus!» A aparência do mundo é sombria, o futuro da civilização é tenebroso, a natureza do homem é corrupta, as confissões religiosas não têm poder, os sistemas filosóficos são ainda inadequados, o coração humano continua descrente. Ao ver o desespero do mundo, não podemos evitar de clamar uma vez mais: «Ora vem, Senhor Jesus!»

Ao observarmos o presente panorama religioso, podemos compreender a pergunta de Jesus: «Quando vier o filho do homem, achará porventura fé no mundo?» (Lucas 18:8). Multidões de cristãos dos nossos dias limitam-se a usar as vestes da religião. Professam ser religiosos, mas não possuem espiritualidade. Têm formalidade religiosa sem vitalidade devocional. Têm o crucifixo, mas não o Salvador crucificado. Têm o altar, mas não o Grande Sumo Sacerdote que os ama. Quão apropriadas são as palavras de João: «Ora vem, Senhor Jesus!»

Descrevendo os nossos dias, Ellen White declarou: «A vinda do Senhor está mais próxima do que quando acei-

támos a fé. O grande conflito aproxima-se do seu fim. Toda a notícia de calamidade em mar ou terra é um testemunho de que o fim de todas as coisas está próximo. Guerras e rumores de guerras declaram-no. Haverá um só cristão cuja pulsação não se acelere ao prever os acontecimentos que se iniciam perante nós?

«O Senhor vem. Ouvimos os passos de um Deus que Se aproxima, ao vir Ele punir o mundo por sua iniquidade.» — *Evangelismo*, p. 219. Sabendo que o dia do Senhor está às portas, os crentes de todo o mundo unem as suas vozes à do apóstolo João em fervorosa prece: «Ora vem, Senhor Jesus!»

Missão Gigantesca

Temos de esperar a vinda do Reino e preparar-nos para ela: temos de proclamar o dia que se aproxima. Algumas vezes falamos demasiado da noite e muito pouco acerca da manhã: muito sobre as trevas que cobrem o mundo e pouco sobre o crescente esplendor do dia que vai nascer.

Jesus disse: «E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo... e então virá o fim» (Mat. 24:14). A actividade proclamatória da igreja é escatológica porque ajuda a preparar para o fim do mundo. Por isso, existe uma clara relação entre a missão cristã e a escatologia.

O meu pai foi um dos primeiros crentes no meu país natal, o Brasil. Foi baptizado no princípio do século. Era um lavrador sem muita instrução, mas quando aceitou a mensagem adventista, decidiu dedicar a sua vida à proclamação da nossa bem-aventurada esperança e tornou-se colportor. Durante 48 anos ele esteve totalmente envolvido no trabalho das publicações.

Há doze anos, quando o visitei, tinha ele 87 anos, disse, com lágrimas nos olhos, que receava morrer sem ver a segunda vinda de Jesus. Com a voz enfraquecida, ele expressou o seu desapontamento de que ainda não tivéssemos terminado a obra. Depois de uma breve visita, voltei ao meu trabalho e deveres regulares.

Sete meses mais tarde, quando me encontrava a fazer uma campanha de evangelização, recebi um telefonema do meu irmão mais velho a dizer que o nosso pai falecera. Tomei o avião

e fui prestar o meu último tributo àquele homem que amara esta mensagem com todo o seu coração e que dedicara todas as suas forças à proclamação da nossa esperança. Agora, ele repousa no túmulo, aguardando o dia em que Cristo voltará para estabelecer o Seu reino.

Prezados companheiros, colegas, dirigentes da Igreja, crentes na bem-aventurada esperança, Deus chamou-nos para que, como último movimento profético, nós proclamemos ao mundo a mensagem de que não há esperança a não ser no nosso Senhor crucificado, ressurrecto e prestes a vir.

Para muitos a grande tragédia que caracteriza os nossos dias não se encontra no aumento do crime, no declínio moral, ou mesmo na possibilidade de um holocausto nuclear, mas sim na falta de esperança. Herbert Norman, um jovem canadiano, suicidou-se e deixou a seguinte nota num bilhete: «Não tenho outra alternativa. Tenho de me suicidar porque não posso viver sem esperança.»

A hora está avançada. É tarde. Dias de tribulação, há muito preditos, estão mesmo diante de nós. O dia eterno em breve raiará. O que temos a fazer tem de ser feito depressa. Se perdermos este sentimento de urgência, perderemos a própria essência do Adventismo.

Não podemos adiar o cumprimento da grande comissão que nos foi confiada. Agora é o tempo. Coloquemo-nos, nós, as nossas vidas e os nossos meios, na poderosa mão de Deus, e os nossos olhos contemplarão o milagre do evangelismo. Este é o mais glorioso momento para os Adventistas do Sétimo Dia. Milhares de almas serão convertidas num só dia. Não estou a sonhar. Falo de realidades. Triunfos nunca antes vistos na nossa história serão presenciados pela nossa geração. Não falo de utopias. Falo de realidades tangíveis. A mensageira do Senhor disse: «Vi que esta mensagem se encerrará com poder e força muito maiores do que o clamor da meia noite.» — *Primeiros Escritos*, p. 278.

Creio nesta promessa de Deus. Sim, creio que a nossa mensagem será concluída com uma grande manifestação do poder de Deus. Como um fogo na pradaria, a grande esperança espalhar-

-se-á de coração a coração, de casa a casa, de cidade a cidade, de nação a nação. O mundo inteiro será iluminado pelo esplendor, brilho e glória da nossa esperança. Isto é o que o Senhor fará e é algo de maravilhoso aos nossos olhos.

Que na Sua misericórdia Deus nos desperte para uma nova visão e para

que saíamos deste lugar para proclamar com abrasadora convicção a esperança que arde nos nossos corações.

Enoch Oliveira era vice-presidente geral da Conferência Geral até Julho de 1990, quando foi aposentado.

GUSTAVO SAMUEL GRAVE

Que Escola?

Uma escolha de alcance eterno

Nos últimos anos tem-se vindo a constatar que a percentagem de alunos provenientes de famílias adventistas matriculados nas nossas escolas e centros de ocupação de tempos livres é cada vez menor. No corrente ano lectivo apenas um quarto dos 750 alunos inscritos nas nossas instituições de ensino é oriundo de lares adventistas. Dado que o número de crentes da nossa Igreja tem vindo sempre a aumentar, pode-se concluir que o número de crianças e jovens adventistas que frequentam escolas públicas também tem vindo a subir.

Será que estamos verdadeiramente conscientes da responsabilidade que Deus colocou sobre os nossos ombros de darmos às nossas crianças e jovens uma educação cristã? Os escritos de Ellen White estão repletos de passagens bem reveladoras dessa sagrada incumbência. «Sobre pais e mães recai a responsabilidade de darem uma educação cristã aos filhos que lhes foram confiados.»¹ «Toda a criança nascida no lar é um depósito sagrado. Deus diz aos pais: 'Toma esta criança e cria-a para Mim, a fim de que venha a ser uma honra ao Meu nome e um conduto através do qual Minhas bênçãos possam fluir para o mundo.'»²

No entanto, este dever não é apenas dos pais e encarregados de educação, mas de toda a igreja. «A igreja

está a dormir e não se compenetra da grandeza deste assunto da educação das crianças e jovens.»³ «Como igreja, como indivíduos, se queremos estar isentos de culpa no juízo, devemos fazer esforços mais liberais para a educação dos nossos jovens, para que possam estar mais aptos para os vários ramos da grande obra confiada às nossas mãos.»⁴ «Deus indicou a igreja como atalaia, a fim de ter um cioso cuidado dos jovens e crianças e, como sentinela, ver que o inimigo se aproxima e dar o aviso de perigo. A igreja, porém, não se compenetra da situação. Ela dorme enquanto está de guarda. Neste tempo de perigo, pais e mães devem despertar e trabalhar como se se tratasse da própria vida, ou, de outra maneira, muitos dos jovens estarão para sempre perdidos.»⁵

Quando analisamos cuidadosamente a situação que hoje se vive nas escolas públicas, não podemos estar desencansados quanto à educação que os nossos filhos ali recebem. Não são só os pais que reconhecem os perigos reais do ambiente escolar, mas os próprios jovens estão conscientes da degradação moral existente entre os alunos e mesmo entre os professores. Ainda há bem pouco tempo um jovem não adventista, que era então aluno interno do Colégio de Oliveira do Douro, me confessava que o ambiente escolar da cidade onde vivia era verda-



deiramente corrupto. Não podemos deixar de admitir que Ellen White tinha razão quando, há dezenas de anos atrás, afirmava que «ao planejarem a educação dos filhos fora do lar, os pais devem compenetrar-se de que já não é seguro enviá-los às escolas públicas e devem esforçar-se por enviá-los às escolas onde obtenham uma educação baseada em fundamento escriturístico.»⁶ Estou perfeitamente convencido de que a serva do Senhor usaria termos ainda mais enfáticos se o ambiente das escolas públicas do seu tempo fosse idêntico ao das actuais.

A verdadeira educação tem de tomar em consideração a formação do carácter, pois «é a obra mais importante que já foi confiada a seres humanos.»⁷ Mas que espécie de carácter formado segundo a semelhança divina é o único tesouro que podemos levar deste mundo para o futuro.»⁸ Se é esta a espécie de carácter que Deus deseja que cada um de nós desenvolva, como podemos nós entregar a educação dos nossos filhos a escolas onde uma boa parte dos seus professores não acredita em Deus nem aceita a Bíblia como a revelação de Deus para o homem? «Acaso recebem as nossas crianças dos professores da escola pública ideias em harmonia com a Palavra de Deus? É o pecado apresentado como uma ofensa contra o Senhor? É a obediência a todos os Seus mandamentos ensinada como sendo o princípio de toda a sabedoria?»⁹ Está fora das preocupações desses professores ensinar a fé em Deus, a confiança na Sua Palavra ou a eficácia do sacrifício de Jesus.

Ao escolhermos uma escola para os nossos filhos, teremos de optar por

aquela que os ensine a temer a Deus e a guardar os Seus mandamentos, porque «é mais que loucura procurar educação fora d'Ele, quer dizer, procurar ser sábio desviado da Sabedoria, querer ser verdadeiro ao mesmo tempo que se rejeita a Verdade.»¹⁰ Como pais cristãos, que desejamos dar aos nossos filhos uma educação de acordo com a vontade divina, teremos de nos preocupar seriamente com a escolha da escola que eles devem frequentar. Muitos pais prestam pouca atenção a este assunto, porque estão convencidos que o ambiente escolar não tem grande influência na formação do carácter dos seus educandos, desde que tenham um bom ambiente familiar e frequentem regularmente a igreja. No entanto, as estatísticas têm-nos ajudado a compreender que a influência da escola é mais decisiva do que muitos poderão pensar. Pesquisas feitas em diferentes lugares têm revelado que cerca de 85% das crianças de famílias adventistas que não frequentam as nossas escolas abandonam a igreja. Por outro lado, 85% das crianças adventistas que frequentam as nossas escolas — desde o ensino básico ao superior — permanecem ligados à igreja. Outra revelação importante é-nos dada por uma pesquisa feita pela Associação Ministerial, entre pessoas que abandonaram a igreja. Também cerca de 85% dessas pessoas não tinham frequentado escolas adventistas.¹¹

Professores e colegas exercem uma tremenda influência sobre cada criança nos anos em que a sua maneira de pensar e os seus hábitos de vida estão a ser formados. A influência da escola é tão forte durante este período que

não devemos enganar-nos a nós próprios com a ideia de que os nossos filhos não serão afectados por ela. «Uma razão por que era necessário estabelecer as nossas instituições era o facto de que os pais não conseguiam neutralizar a influência do ensino que os seus filhos estavam a receber nas escolas públicas.»¹²

Muitos pais optam pelas escolas públicas por estarem localizadas mais perto das suas casas e por serem gratuitas. Contudo, os riscos duma tal decisão são tão elevados que não podem ser menosprezados nem muito menos ignorados. Quando o destino eterno dos nossos filhos está em causa, os custos da sua educação não devem ser considerados como uma despesa, mas sim como o melhor dos investimentos.

Nenhuma criança ou jovem adventista deveria ficar privado duma educação cristã por razões económicas. Através de subsídios estatais, da ajuda da igreja local, da União e da própria escola, muitos pais têm feito face às despesas escolares dos seus filhos. Quando os pais estão verdadeiramente convencidos do valor da educação cristã e desejam proporcioná-la aos seus educandos, todos os problemas relacionados com o seu financiamento são ultrapassados. Essa tem sido a experiência de muitos pais e será, certamente, a experiência de todos os que acreditam que a educação cristã é uma ordem divina expressa na Bíblia e reforçada no Espírito de Profecia.

Referências:

1. Ellen G. White, *Fundamentos da Educação Cristã*, p. 545.
2. Ellen G. White, *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, p. 130.
3. *Ibid.*, p. 39.
4. *Ibid.*, p. 38.
5. *Ibid.*, p. 147.
6. *Ibid.*, p. 183.
7. Ellen G. White, *Educação*, p. 225.
8. Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, p. 332.
9. Ellen G. White, *Testemunhos Selectos*, vol. II, p. 452.
10. Ellen G. White, *Educação*, p. 84.
11. Nevil Gorski, «Educação — Um Plano Divino», in *Revista Adventista* (Brasileira), Janeiro de 1985, p. 13.
12. Ellen G. White, *Fundamentos da Educação Cristã*, p. 285.

Como vêm os adolescentes a Igreja?

A adolescência é um período decisivo da vida. É um tempo de insegurança e perturbação. Frequentemente, é durante estes anos que se decide o futuro dos jovens.

Como pastores, dirigentes de jovens e como pais, sabemos que é no fim da adolescência que uma grande parte dos nossos jovens abandona a igreja. Tal facto constitui mais uma razão para reflectirmos sobre este assunto.

Quão difícil é dialogar com estes jovens e saber o que na realidade pensam ou sentem! Gostaríamos de poder falar-lhes de modo franco e aberto, como fazemos com os jovens mais velhos, mas isso exige muito tempo e paciência, e, muitas vezes, parece que ambos nos faltam. O resultado é uma falta de comunicação que determina a nossa dificuldade em descobrir o que os jovens pensam da Igreja e do nosso trabalho.

Para além das aparências

Às vezes, os adolescentes mostram-se simpáticos e dóceis, uns autênticos cordeirinhos. Outras, parecem recusar tudo e todos, maniesfando revolta aberta contra os pais e contra a igreja. Reagem com um ar trocista e até arrogante. A sua atitude, por sua vez, influencia o nosso comportamento para com eles e o pior é que essa atitude aparente está longe de reflectir o que eles pensam ou, ainda mais, o que eles realmente são.

Um estudo da Divisão Norte-Americana

A Divisão Norte-Americana nomeou uma comissão com o objectivo de procurar compreender a razão por que os jovens deixam a igreja e o que se deverá fazer para o evitar. As pesquisas vão ainda prolongar-se por

mais dez anos. Mas a análise de 1511 questionários, preenchidos por jovens dos 15-16 anos, mostrou-se suficientemente pertinente para justificar a publicação de um primeiro artigo assinado por Janet Leigh Kangas e Roger L. Dudley, intitulado "How Adventist teenagers perceive their church" (*Ministry*, Outubro de 1989, pp. 4-7).

Resultados encorajantes

Os resultados são bastantes animadores. Por exemplo, 50% dos adolescentes interrogados sentiam-se bem como adventistas; 53% definiam-se como membros activos; e, ainda mais encorajante, 77% indicavam desejar continuar a ser adventistas. Todavia, 41% teriam gostado de não ter sido baptizados. Desses, 19% situavam-se na categoria de membros inactivos e 21% expressavam sentimentos de rebelião em relação à igreja e aos pais...

Porque lamentam os jovens ter-se baptizado?

Resposta: Reconhecem que lhes faltava conhecimento e maturidade. Por outras palavras: acham que foram baptizados demasiado jovens e com certa precipitação. 19% declararam: "Eu era muito novo para compreender o significado do baptismo."

Assistência às reuniões: um indicador para o futuro

O quadro n.º 1 permite-nos distinguir entre os adolescentes que assistem regularmente às actividades da igreja — chamá-los-emos "praticantes regulares" — e os que são menos assíduos aos serviços religiosos — chamá-los-emos "praticantes ocasionais".

Os primeiros são duas vezes mais a desejar manter-se como adventistas. A assistência às reuniões pode, por conseguinte, constituir-se um factor indicador para o futuro.

O mesmo revela um inquérito levado a efeito por igrejas metodistas em

QUADRO 1

COMPARAÇÃO ENTRE OS QUE ASSISTEM REGULARMENTE À IGREJA E OS MENOS ASSÍDUOS

	Percentagem que assiste regularmente à Igreja	Percentagem dos que assistem menos regularmente
Experiência actual:		
A religião é importante na minha vida.	85*	57
Vivo uma vida de amizade com Cristo.	70	51
Sinto-me feliz na minha religião.	77	49
Quero ser o melhor cristão adventista que puder.	78	48
Intenções para o futuro:		
Fenho continuar um activo adventista, mesmo quando for mais velho.	81	43
Não consigo imaginar-me membro de outra igreja que não seja a Adventista do Sétimo Dia	83	51
Desejo manter regularmente as minhas devoções pessoais mesmo quando for mais velho	70	45
Se me casar, quero casar com um adventista.	68	32
Quero que os meus filhos frequentem escolas adventistas.		

* A percentagem indica os que de algum modo concordam com a declaração, ou que com ela concordam plenamente.

relação à assistência à Escola Dominical. Nesta ordem de ideias, se a maioria dos nossos jovens frequentar a igreja de maneira ocasional, isso é um mau sinal para o futuro.

Porque deixam eles a Igreja?

a) O sentimento de não ser aceite.

Uma pesquisa realizada em meios religiosos e dirigida por Strommen realçava as expectativas dos jovens que deixavam as suas igrejas. Descobriu-se que as suas aspirações eram precisamente as mesmas daqueles que nelas se mantinham. Então, porque partiam?

“A principal causa, diz Strommen, é o sentimento de não ser aceite. Não esperam muito da igreja e acham até que ela não está à altura de os poder ajudar.” Para este autor, o sentimento de pertença e bem-estar é determinante para o jovem se manter ligado à igreja. Se se sentir bem, à vontade, e parte integrante da sua comunidade, o jovem permanecerá na igreja.

b) Falta de identidade

Pesquisas semelhantes, mas levadas a efeito em meios católicos, revelaram como causa do abandono da igreja a “falta de identidade com a igreja e a falta de raízes”.

c) Poucos ou nenhuns amigos

Outra pesquisa, feita em 1962, após uma campanha de Billy Graham, em Nova Iorque, realçou um outro factor, mas em relação com a comunidade: a aquisição de novos amigos.

Todos estes estudos confirmam a importância do elemento social para os jovens. Retenhamos o seguinte: os adolescentes que frequentam regularmente a igreja manter-se-ão nela. Mas só a frequentarão se nela se sentirem bem, à vontade e com a possibilidade de ter ou vir a ter amigos. Onde resulta a necessidade de cada igreja, pequena ou grande, ter um bom programa para a juventude e procurar integrar os seus jovens em actividades de grupo.

Será que a Igreja responde às necessidades espirituais e sociais dos adolescentes?

41% dos adolescentes acham que sim! 15% não se pronunciam. Mas, também, neste ponto, os que assistem regularmente às reuniões respondem de forma mais positiva que os outros.

QUADRO 2 GOSTO PELAS ACTIVIDADES DA IGREJA

Actividade	Percentagem de participação	Percentagem dos que apreciam realmente	Percentagem dos que não apreciam realmente
Recolhas para necessitados	77	65	9
Desbravadores	77	64	11
Acampamentos de verão	67	63	3
Campanha das Missões	81	61	18
Reuniões de evangelização p/ jovens	59	52	7
Distribuição de literatura	73	52	18
Cargos na igreja ou Escola Sabatina	44	39	5
Estudos bíblicos a não adventistas	33	27	7
Grupos musicais para actuar em prisões e outras instituições	24	19	7

O quadro seguinte sumariza uma lista de actividades em que os jovens geralmente tomam parte, e mostra as suas preferências:

- recolha de roupas e alimentos para necessitados: 65%
- actividades dos desbravadores: 64%
- acampamentos de verão: 63%

Outra pergunta: Quem exerce maior influência nos adolescentes?

1. Mãe 83%
2. colegas 70%
3. pai 68%
4. irmãos e irmãs 56%
5. professores adventistas 36%
6. pastores 30%

Porém, quando se trata de modelos em matéria de religião, a lista aparece sensivelmente modificada. Os pais tomam o primeiro lugar:

1. Pais 15%
2. pastor 40%
3. membros de igreja 35%
4. avós 28%
5. colegas 27%

Os colegas deixam de ser uma referência e o pastor passa a ocupar um lugar importante: é visto como um modelo no campo espiritual. Então, porque é tão fraca a sua influência (30%)? Sem dúvida devido à falta de uma relação pessoal com os jovens. Por outras palavras: Nem tudo está perdido. Mas para ter uma maior influência, o pastor tem de desenvolver uma mais estreita relação com os jovens da sua igreja. A mãe ocupa o pri-

meiro lugar porque ela tem uma relação muito forte com filhos.

Como é que os adolescentes vêem os adventistas adultos?

O quadro n.º 3 revela que 68% dos adolescentes interrogados aceitam a ideia de que a Igreja Adventista foi suscitada por Deus. 67% crêem que os adventistas vivem a fraternidade cristã. Mas apenas 36% acham que o nosso estilo de vida é superior aos outros. E só 39% acham que existe um bom entendimento entre os dirigentes da Igreja. No entanto, numa tal matéria, ter-se-ia desejado obter pelo menos 70 ou 80%. Temos de ser realistas!

Uma certa clarividência

Estas estatísticas confirmam a erosão que as nossas certezas vão sofrendo. Não penso que os adultos adventistas respondessem de modo diferente. O conceito de povo escolhido, por exemplo, é muito ambíguo. Significará que somos os únicos? Muitos jovens na Europa recusam a ideia de nós sermos superiores aos outros. Em contrapartida, a maioria aceita o facto de termos recebido muito e de a nossa missão ser inspirada por Deus. Isso, acham eles, não se pode traduzir em termos de superioridade, mas em termos de missão a realizar.

Em última análise, este quadro revela uma certa clarividência. Para os adolescentes consultados, nós não somos nem melhores nem piores do que

QUADRO 3

PERCEPÇÃO QUE OS ADOLESCENTES TÊM DOS MEMBROS DE IGREJA

(FD=em forte desacordo. NC=não concordam. N=neutros. C=concordam. CP=concordam plenamente)

Percepções	Porcentagem				
	FD	NC	N	C	CP
Declarações positivas;					
Os Adventistas são o povo escolhido de Deus.	7	7	17	20	48
Os Adventistas manifestam amor.	3	8	22	38	29
O estilo de vida adventista é superior.	15	18	30	22	14
Existe harmonia entre os dirigentes da Igreja.	12	20	28	26	13
Declarações negativas:					
Os Adventistas são hipócritas.	33	18	26	18	6
Os Adventistas servem a Deus por medo de se perderem	35	21	23	13	7
Os Adventistas divertem-se menos do que as outras pessoas.	38	19	20	15	8

os outros. Não somos nem mais nem menos que homens e mulheres de boa vontade. Os jovens são realistas. Conseguem compreender as nossas vitórias e as nossas derrotas. Desconfiam do triunfalismo.

Qual é a sua atitude em relação aos princípios?

Esta parte do inquérito revela alguma relativização e até um certo pôr em causa dos nossos princípios. Não esqueçamos, porém, que estas respostas nos são dadas por jovens adventistas praticantes, a maioria dos quais deseja permanecer na igreja. Se eles aceitam os princípios de abstinência em relação às drogas, tabaco e álcool, são, contudo, menos unânimes quando se trata de carnes "impuras" e de relações sexuais antes do casamento. A nossa atitude tradicional a respeito de jóias, música, cinema e "boites" é também contestada. Na realidade, é muito difícil abordar tais questões abertamente.

Porquê? Talvez porque se tenha falado muito delas e de maneira moralizante. Ou porque se deixou de falar de tais coisas!

Para abordá-las, é preciso ganhar primeiro a simpatia e a confiança dos jovens. Eles consideram estes aspectos da vida um assunto privado. Todos os discursos sobre eles são de imediato julgados moralizantes, ultrapassados, anacrônicos. Porquê? Assunto cultural? Tabu? Os jovens referem frequentemente coisas que lhes parecem ser contradições. Por exemplo:

proibe-se o uso de um anel, mas não os carros luxuosos, as vivendas suntuosas... A Igreja deveria reformular a explicação destes princípios e ter em conta as situações contraditórias em que vivemos.

Como observa Janet Leigh Kangas e Roger L. Dudley, os jovens não vêem muito claro em questões de moral. Não estão sistematicamente contra os princípios, mas constata-se uma certa confusão também entre os membros.

Em relação às doutrinas, os autores do citado artigo verificam que há uma certa tendência para a conciliação. Por exemplo, nos Estados Unidos, alguns jovens propõem que o Sábado comece à meia-noite de sexta-feira. Na Europa, os jovens estão bem contentes por sábado à noite já não ser Sábado.

O nosso discurso sobre os princípios da Igreja deve ser sempre claro, sem equívocos, mas deve transmitir-se com amor, lógica, compreensão e pelo exemplo. A nossa juventude é bela. Entre ela estão os nossos quadros de amanhã. No seu conjunto, é fiel. O que não é fácil nos dias de hoje. Precisa de ser amada e amparada, e não criticada. A igreja deveria ser, para cada jovem, uma extensão da sua própria família, onde se sente bem, à vontade, um pouco em sua casa e em companhia do Senhor.

Conclusão deste estudo

Este inquérito demonstrou que, em última análise, os jovens vêm a Igreja através dos seus membros, e os princípios da Igreja através daqueles que os ditam ou pregam. O pastores e directores de jovens são uma peça fundamental em tal percepção. Se eles e os membros da igreja forem amistosos e os aceitarem com os seus talentos e a sua identidade, os jovens verão a igreja como um lugar aprazível e privilegiado. O lugar por excelência para alicerçar a sua experiência religiosa. Se as nossas normas e princípios forem compreensíveis, úteis, justos, os jovens ver-nos-ão como exemplos para a sua vida espiritual.

Se pensarem que as nossas relações e princípios são a expressão da ternura, amor e justiça de Deus, então a sua percepção da Igreja Adventista será positiva.

John Graz é o director de jovens da Divisão Euro-Africana.

QUADRO 4

ATITUDE DE ACEITAÇÃO EM RELAÇÃO ÀS NORMAS DA IGREJA

	Porcentagem de neutros	Porcentagem dos que concordam	Porcentagem dos que concordam plenamente
Maior acordo:			
Drogas recreativas	4	5	69
Tabaco	3	5	69
Álcool	5	7	64
Carnes «impuras»	12	13	50
Relações pré-conjugais	13	16	46
Menor acordo:			
Jóias/pinturas	20	18	22
Dancings/discotecas	21	17	18
Música rock	20	17	15
Cinemas/teatros	20	14	12

Deus ainda controla os acontecimentos deste mundo

Segundo o *Express*, de 15 de Março de 1991 (pág. 13), Saddam Hussein transcendeu-se a si próprio ao mandar gravar em cada um dos milhões de tijolos das suas construções a seguinte inscrição: “A Babilónia de Nabucodonozor foi reconstruída na era de Saddam Hussein. Nas próximas gerações, os pais contarão aos filhos uma história grandiosa... época incomparável, a que se dará o nome de Era Vitoriosa de Saddam Hussein.”

A nosso ver, este é bem um poema de inspiração cósmica, com base nos capítulos 2 e 3 de Daniel, onde podemos desvendar a loucura do antigo rei de Babilónia, repetida na época contemporânea.

A Guerra do Golfo e a nossa Igreja

A guerra entre o Iraque e os aliados, além de ter polarizado a atenção dos analistas militares e políticos, teve, também, uma grande influência nos meios religiosos, a que não escapamos, como adventistas, dadas as relações que se inferem das profecias de Daniel e Apocalipse.

Armagedon Agora

A importância do Médio Oriente não oferece dúvidas no campo da profecia bíblica, mas aplicar o belicismo dos seus responsáveis políticos como acontecimento final da história corre o risco

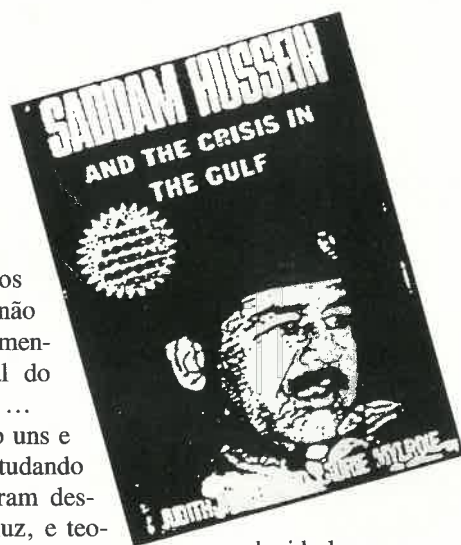
de confrontar o sentido da mensagem profética, levando a interpretações especulativas e, portanto, incorrectas. Assim, julgamos por bem prevenir o futuro e tirar a devida lição da história relacionada com a chamada “Mãe de todas as guerras” ou “guerra santa”, citando a este propósito os comentários seguintes:

“Existem pessoas, ainda vivas, que ao estudarem as profecias de Daniel e de João, receberam grande luz de Deus ao examinarem a base onde profecias especiais estavam em processo de cumprimento, por sua ordem. Eles levaram a mensagem do tempo ao povo. A verdade brilhou claramente como Sol ao meio-dia. Acontecimentos históricos, mostrando o directo cumprimento da profecia, foram expostos ao povo, e viu-se que ela era um esboço figurado de acontecimentos conducentes ao encerramento da história terrestre. As cenas relacionadas com a obra do homem do pecado são os últimos aspectos claramente revelados na história terrestre. O povo tem agora uma mensagem especial para dar ao mundo — a terceira mensagem angélica. Aqueles que em sua experiência examinaram o fundamento e desempenharam uma parte na proclamação da primeira, segunda e terceira mensagens angélicas, não estão tão susceptíveis a ser induzidos

a falsos caminhos como os que não tiveram conhecimento experimental do povo de Deus. ...

“Tem havido uns e outros que, estudando a Bíblia, julgaram descobrir grande luz, e teorias novas, mas não têm sido correctas. As Escrituras são todas verdade, mas por aplicarem-nas mal, homens chegam a erradas conclusões. Achamo-nos empenhados em grande conflito, e ele se tornará mais rigoroso e decidido ao nos aproximarmos da luta final. Temos um inimigo vigilante, e está em constante actividade na mente humana que não teve experiência pessoal nos ensinamentos do povo de Deus pelos cinquenta anos passados. Alguns tomarão a verdade aplicável ao seu tempo, e pô-la-ão no futuro. Acontecimentos, na sequência da profecia, que tiveram seu cumprimento no distante passado, são considerados futuros, e assim, por essas teorias, a fé de alguns é solapada.

“Segundo a luz que o Senhor houve por bem conceder-me, estais em risco de fazer a mesma obra, apresentando perante outros verdades que tiveram seu lugar e fizeram sua obra específica para o tempo, na história da fé do povo de Deus. Reconheceis como verdadeiros esses factos na história bíblica, mas os aplicais ao futuro. Eles têm sua força ainda



em seu devido lugar, na cadeia dos acontecimentos que nos tornaram, como um povo, o que somos hoje, e como tal, eles devem ser apresentados àqueles que se encontram nas trevas do erro. Os fiéis obreiros de Jesus Cristo devem cooperar com seus irmãos que tiveram experiência na obra desde o próprio surgimento da mensagem do terceiro anjo” - *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, pp. 102 e 103.

Mais advertidos perante este e outros acontecimentos futuros, desejamos apelar à vigilância de todos os nossos irmãos e à boa compreensão das igrejas e seus responsáveis, bem como ao corpo pastoral, para que não passemos por alto as palavras de Jesus, transcritas em Mateus 24:14 e 36: “E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim. ... Porém, daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho, mas unicamente meu Pai.”

A. Nunes é departamental da nossa União, sendo responsável pela Associação Pastoral, Evangelismo, Escola Sabatina e Comunicações.

A Doutrina da Justificação pela Fé, segundo Karl Barth: Breves elementos de apreciação

Introdução



Karl Barth nasceu a 10 de março de 1886 na cidade suíça de Basileia.

Os seus pais, crentes fervorosos na fé calvinista, cedo o orientaram em direcção aos velhos marcos da Igreja Reformada. Tendo como mestres-professores homens como Adolf von Harnack, Gunkel e Schlater¹, Barth inicia-se no mundo da teologia como um liberal, tomando o Homem como centro da História. Harnack, sobretudo, exerceu sobre ele uma influência muito importante, num momento em que toda a teologia europeia era caracterizada pela negação do conceito de «Revelação» como centro da História, e a própria Bíblia como documento inspirado por Deus passou a ser considerada simples documento da «História das Religiões», contendo lendas e narrativas de invenção meramente humana.²

Até 1911 Barth é olhado como um promissor defensor dos ideais do Protestantismo Liberal, que caracterizaram todo o Século XIX. Nesse mesmo ano de 1911, o jovem Barth é colocado com pastor na paróquia ru-

ral de Safenwill (Suíça-alemã), depois de dois anos de estágio na Igreja Reformada Suíça-alemã de Genebra. É então, a partir desta data, que tem lugar a grande viragem no pensamento teológico de Barth.

Secção I: «Jesus Cristo, Justiça do Homem Pecador»

Eberhard Jungel, um dos melhores especialistas actuais da Teologia de Barth, diz-nos que o jovem teólogo e pastor suíço, «redescobre a Bíblia.»³ E assim, em 1916, Barth começa o seu trabalho de interpretação da Epístola de Paulo aos romanos. Impresso em 1918, o primeiro volume surge no mundo teológico de então como o início de um «Novo Movimento Teológico.»⁴ Mais tarde, este Movimento iniciado por Barth passa a ser conhecido por «Neo-Ortodoxia», ou seja, o retorno à Bíblia e aos velhos marcos da Reforma do Século XVI.

Jesus Cristo é agora o centro de toda a teologia de Barth e nos 26 volumes que constituem a monumental «Dogmática», o Filho de Deus é-nos apresentado como sendo a grande razão de ser e existir da própria igreja ao longo dos séculos. Barth exprime esta realida-

de nos seguintes termos: «A Igreja Verdadeira, a Igreja de Jesus Cristo, não existe em função do homem e de suas decisões. Apesar de não estar completamente isenta do empreendimento humano, ela não existe senão a partir de Jesus Cristo.»⁵

Mas Jesus Cristo, a Palavra de Deus Incarnada, é não somente a razão de ser da comunidade dos crentes. Ele é, fundamentalmente, a esperança da justificação do homem pecador.

Assim, além de Barth regressar à teologia dos Reformadores do século XVI e de apontar a autoridade suprema da Bíblia, o jovem teólogo coloca a Cristologia como o centro da teologia, em torno da qual todos os valores dogmáticos devem girar e ser compreendidos. Como consequência, Barth vai mais longe do que o próprio Lutero, ou Calvino, não colocando como centro de todo o pensamento e reflexão teológica uma doutrina, como o fez Lutero com a «justificação pela fé», mas o próprio Filho de Deus, Jesus Cristo, fonte de toda a doutrina e construção dogmática.

Secção II: «A Realidade do Novo Homem justificado em Cristo.»

Para Karl Barth, Jesus Cristo, através da Sua vida,

morte e ressurreição, torna-se o centro das nossas vidas, pois é n'Ele que encontramos a nossa justificação e aceitação por Deus, ou seja, a nossa reconciliação. A condição do homem é de tal forma desesperada⁶ que somente Cristo e sua *dikaiosisúné* (justiça) são agradáveis para com Deus. Tudo isto é exterior ao homem e como nos indica o verbo *dikaioô* (justificar) Deus declara o homem justo, ele está perdoado e comparece perante Deus, como se nunca tivesse pecado.

Mas Deus não somente o declara, (numa base meramente jurídica), como toma o homem nas Suas mãos, o *dikaios* (justo), que através da *pistis* (fé) aceita o que Deus fez por ele e o que Deus deseja fazer n'ele!

Como sublinha Barth, «O homem justificado no tribunal de Deus é um Homem que caminha da injustiça para a justiça, da morte para a vida.»⁷

Assim, o homem justificado por Deus, pela fé em Jesus Cristo, «nasce» para uma nova vida em Cristo, somente em Cristo, pois o justificado não pode viver, nem existir sem Aquele que o justifica. Esta é, segundo Barth, a vida da fé, «a obediência da humildade», pois o homem, perante tudo o que Cristo fez e deseja fazer por ele, terá necessariamente de obedecer.⁹ Obediência esta que constitui uma vida de fidelidade para com Deus, reconhecendo sempre a debilidade humana ao tentar viver essa mesma vida.

O justificado pela fé em Cristo dependerá sempre d'Aquele que é, «o Autor e Consumador da sua fé»¹⁰; a

vida do justo torna-se a sua vida, a Sua obediência e a Sua santificação, uma realidade viva vivida pela fé, a tal ponto que a experiência descrita por Paulo em Gálatas 2:20, «Vivo não mais eu, mas Cristo vive em mim, e a vida que agora vivo, vivo-a na fé no Filho de Deus...», é a sua própria experiência.

O importante para Karl Barth é estar ligado a Cristo pela fé, é viver com Ele e para Ele; isso torna o homem obediente, pois reconhece e dá graças pela sua reconciliação e pela realidade do novo homem que ele é e continuará a ser em Cristo Jesus. A vida do justo será então uma vida de louvor. De Louvor, porque, segundo Barth, «Deus louva a vida do crente e reconhece-o como Seu filho, e porque as obras dos Cristãos constituem ao mesmo tempo um louvor, uma aprovação, um reconhecimento a Deus.»¹¹

O homem é então elevado do seu estado de pecado para a semelhança com Deus em Cristo. Ele é livre. Livre para obedecer e amar a Deus de todo o seu coração, pois neste momento o homem-justo em Cristo possui uma nova forma de existir como fiel companheiro d'Aquele que viveu, morreu e ressuscitou por ele.

Conclusão

A justificação unicamente pela fé em Cristo é para Barth uma dádiva divina ao homem pecador. Ele não a merece nem pode fabricar por si mesmo uma partícula sequer dessa «justiça imputada» que nos justifica.

Deus, em Cristo, deu-Se a Si mesmo para nos salvar e para nos conferir o poder de viver pela fé uma vida nova, uma vida de reconciliados em Cristo.¹²

O Homem vive então uma vida de obediência, tornan-

do a realidade da justificação pela fé, uma experiência viva e não passiva para o homem, que agora vive como uma nova criatura em Cristo, dependendo d'Ele, vivendo para Ele.

A justificação pela fé em Cristo constitui para o teólogo de Basileia um começo e não um fim em si mesmo. O começo de uma vida de louvor, que é vivida pela fé.¹³

Terminamos citando sem comentários um fragmento do *Catecismo de Heidelberg*, que representa bem o pensamento da Reforma do Século XVI:

«Questão n.º 60: Como te tornas justo perante Deus?»

Resposta: Somente através de uma fé verdadeira em Cristo Jesus. De tal maneira que, apesar da minha consciência me acusar de ter pecado gravemente contra todos os mandamentos de Deus, de nunca ter observado nenhum e de estar ainda continuamente inclinado ao mal, Deus, sem nenhum mérito de minha parte mas através da Sua simples graça, dá-me e imputa-me, apesar de tudo, a satisfação e a santidade perfeitas de Cristo, como se eu nunca tivesse cometido pecado, e como se eu tivesse cumprido toda a obediência que Cristo observou por mim, necessitando, tão-somente, de aceitar este dom com um coração crente.

Questão n.º 61: Porque dizes tu que és justo somente pela fé?

Resposta: Não é porque eu agrade a Deus, devido à dignidade de minha fé, mas porque a satisfação de Jesus Cristo, a Sua justiça e a Sua santidade constituem a «minha» justiça perante Deus, e que eu não a posso aceitar nem apropriar-me delas a não ser pela fé.

Questão n.º 64: Mas esta doutrina não torna os crentes negligentes e ímpios?

Resposta: Não, porque é impossível que aqueles que estão implantados em Jesus Cristo, através de uma fé verdadeira, não possuam os frutos da fé ou da gratidão.»

Referências

1. Teólogos e Historiadores protestantes, chefes de fila do pensamento liberal protestante do Século XIX, conhecidos também como «Neo-Protestantismo ou Protestantismo Modernista».

2. Karl Barth: *Genèse et Réception de sa Théologie*. R. Bultman, P. Corset, P. Gisel, A. V. Harnack, (et. al.), textos traduzidos por Paul Corset, ed. e apresentados por Pierre Gisel — Genebra, Labor et Fides, 1987, pp. 17-34, 105-116.

3. *Idem*, p. 20.
4. *Ibid.*
5. *Dogmatique*, vol. I, Tomo 2, p. 11.
6. Romanos 3:9-20; 23. Jeremias 2:22; 13:23; Isaías 64:6; Romanos 7:14-24.
7. Barth, *op. cit.*, p. 263.
8. *Ibid.*, p. 292.
9. *Ibid.*
10. Hebreus 12:2.
11. *Dogmatique*, Vol. IV, Tomo 2, p. 229.
12. Romanos 5:6-11.
13. Romanos 1:16, 17; Gálatas 2:20. Habacuque 2:4.

Paulo Renato Garrochinho é pastor das igrejas do Sotavento Algarvio

Curso de Verão de Arte e Língua Italiana Escola Adventista de «Villa Aurora», Florença, Itália

25 de Junho a 25 de Julho

A Escola Adventista italiana, «Villa Aurora», está a organizar um Curso de Verão de arte e língua italiana. Localizada numa original «villa» italiana do Renascimento, século XV, e com um esplêndido parque, a Escola fica a curta distância da cidade de Florença, a principal cidade da Toscana, uma das mais belas províncias de Itália, rica de história e arte.

Curso de Verão

O objectivo do Curso de Verão de língua e arte é duplo: aprofundar o conhecimento da língua italiana e, ao mesmo tempo, oferecer aos que amam a arte e a cultura italianas, uma oportunidade de apreciar localmente o extraordinário património artístico e cultural desta região — *CURSO A*.

Para os que desejam aprender apenas italiano, foi organizado um programa especial — *CURSO B*.

São oferecidos dois níveis: Principiantes e Intermédios ou Avançados. O nível de cada estudante é determinado através de um teste feito no início do Curso. Para os que escolherem o Curso A, haverá diariamente uma hora de aula de arte, com um professor de arte italiana.

Certificados

Aos estudantes que assistirem regularmente às aulas e passarem um teste final, será concedido um certificado.

Excursões de Estudo

Uma vez por semana (Domingo), os estudantes deixarão Villa Aurora e visitarão lugares de interesse histórico, como Ravenna, Assis, Siena e Pisa. Haverá um dia que será passado na praia. Durante a se-

mana, os estudantes visitarão Florença, os seus museus e os montes que circundam a cidade.

Programa Social

Além das aulas de arte e língua, Villa Aurora dará também aos seus estudantes uma amostra do modo de vida italiano. Haverá programas sociais, jogos, canções. Os estudantes assistirão a concertos, fogos de artifício e participarão em «parties» de pisa e gelados. Seguirão também um minicurso de cozinha típica italiana. Haverá também desportos como a natação e o voleibol.

Alojamento

O alojamento será em duas residências, uma para homens e outra para mulheres. Ambas dispõem de água quente para banhos e duches. Em anos recentes, tanto as residências como a cozinha e o refeitório foram remodelados para proporcionar maior conforto aos estudantes. A Escola possui um campo para ténis, voleibol e basquetebol.

Preços

As despesas de ensino, alojamento e comida importarão em 1.500.000 liras italianas [cerca de 187.500\$]. Este preço inclui também todas as excursões, entradas em museus e na piscina, etc. Só os livros estão excluídos. A roupa de cama e toalhas são fornecidas pelo colégio. Uma propina de inscrição, no valor de 200.000 liras, acompanhará a inscrição.

Mais informações

Poderão ser obtidas escrevendo para o Departamento de Educação da União Portuguesa [Rua do Jardim, 166, O. do Douro, 4400 Gaia].

A Família Walkus: De Sociedade com Deus

Porque é que James Walkus não se havia de sentir feliz? Tem saúde, uma grande e feliz família e bons amigos. É um homem de meia idade, mas passa facilmente por muito mais novo. É dono de um próspero negócio, uma empresa de pesca, e possui uma bela casa na ilha de Vancôver, com uma magnífica vista para o mar. E é um empresário cristão altamente considerado.

Porém, nenhuma destas pedras de toque da fortuna o tornaram tão feliz como a decisão de investir com o Senhor.

James era então um jovem pescador, um nativo do Canadá, da tribo Kwakeult, filho também de pescadores. James teve o seu primeiro barco de pesca quando tinha 15 anos. E deste humilde começo, ele e sua mulher

Doreen operam hoje uma frota de 15 grandes embarcações de pesca, com mais de 70 empregados.

Em 1986, uma só captura valeu-lhe mais de um milhão e meio de dólares [cerca de duzentos e vinte e cinco mil contos], e a reputação de ser capaz de encontrar peixe aumentou de tal maneira que onde quer que a sua frota se dirija, logo outros pesqueiros a seguem, na esperança de tirar partido dessa sua habilidade de apanhar peixe.

A pesca comercial não é fácil, especialmente quando as licenças — as chamadas aberturas — são às vezes tão breves como meia hora. Mas mesmo durante uma destas curtas aberturas, nove dos pesqueiros de Walkus conseguiram capturar 600 000 quilos de peixe.



James Walkus com o neto Kristin Joye

Negócio de família

Os três filhos de Walkus aprenderam a arte da pesca com o pai. Dois dos rapazes trabalham já por conta própria, operando com barcos seus, e o mais novo está a estudar na escola adventista de Parkview, em Alberta. Joye é a única menina da família e o seu nome faz parte da identificação de todos os barcos. Há o *Pacific Joe*, o *Serena Joye*, *Native Joye*, *Haida Joye*, *Canadian Joye*, para só mencionar alguns. Recentemente, James adquiriu um novo barco e deu-lhe o nome de *Kristin Joye* em homenagem ao nascimento de mais uma neta. Joye anda pelos barcos desde menina. Antigamente ajudava a mãe na cozinha; hoje trabalha como um pescador normal, ao lado dos outros membros da tripulação. Doreen tem sido a companheira e sócia do seu marido. Houve tempos em que toda a família vivia num barco e Doreen cuidava também da alimentação de tripulações sempre esfomeadas.

O ponto de viragem

Em 1967, James tomou uma decisão que alterou completamente os seus pontos de vista no que se refere a investimentos e sociedades. Mary Rafuse, a responsável pelo Fundo de Investimento da igreja adventista de Port Hardy, que a família frequentava, perguntou-lhe se ele queria colaborar num projecto de investimento da igreja.

— Não sei bem do que se trata, respondeu James. Vou falar com outros membros para ver se alguém me dá algumas ideias.

— Preferia que o não fizesse, advertiu Mary. Acho que este assunto deveria ser decidido só por si, sem falar

com mais ninguém, a não ser com o Senhor.

Mary explicou-lhe que uma pequena parte do Fundo de Investimento era consagrada à pregação do Evangelho em lugares onde a Igreja não tem possibilidades financeiras para apoiar o estabelecimento da obra ou de obreiros. James ficou muito interessado. Decidiu então dar ao Senhor 2% da sua receita líquida. A empresa estava ainda nos seus começos e James não tinha muita experiência como empresário. Quase imediatamente as suas planificações de pesca começaram a dar resultados positivos. James aumentou o seu investimento de 2 para 3%. Não é preciso passar muito tempo com James e Doreen para nos apercebermos do alcance da sua entrega a Deus. Falam serenamente e contam a sua experiência de investimento com o Senhor, de maneira simples, calma e reconhecida. Mas a história não se limita ao Fundo de Investimento. Abrange muito mais.

Há já vários anos que a família decidiu usar a empresa para prover empregos de verão para estudantes. E quando James não tem um lugar para um desses estudantes, procura-o noutros pesqueiros e geralmente os donos ou mestres desses outros pesqueiros acedem ao que ele lhes pede. Contam-se por dezenas os jovens que trabalharam na frota pesqueira de Walkus e desse modo conseguiram financiar os seus estudos. Mas uma das desilusões de James é que alguns desses jovens se entusiasmarão tanto com a liberdade e a independência que esses ganhos de verão proporcionam, que abandonaram os estudos para entrar no mundo do trabalho.

O Sábado ocupa um espaço importante na vida da família Walkus. “Uma vez, conta James, estávamos à espera de uma abertura, a autorização para nos fazermos ao mar. Esperava-se que tivesse lugar na quinta-feira, mas as autoridades do departamento de pescas decidiram esperar mais um dia.” Às vezes, as tripulações da frota Walkus têm a impressão de que as autoridades só querem mesmo concedê-las ao Sábado. Quando isso acontece, os outros pescadores compram as licenças de Walkus. E James conta: “Um barco aproximou-se e o dono tentou negociar a licença. Mas



Parte da frota de Walkus no ancoradouro.

eu tenho um certo escrúpulo em fazê-lo, pois não quero que nada do meu negócio possa ser usado ao Sábado. E por isso, antes que mais alguém se aproximasse, afastámo-nos da área de pesca. Nesse dia não fomos pescar, e a pesca correu muito bem a todos. Mas nessa noite, quando já não era Sábado, houve uma abertura a Norte e nós pudemos sair. Fomos os que mais pescámos e fizemos mais numa só saída do que os outros em duas.”

É verdade que a maior parte das tripulações e empregados da empresa Walkus são adventistas do sétimo dia. Às vezes acontece que passam Sábados no mar, longe de casa. Então, os adventistas juntam-se, fazem a Escola Sabatina e passam o Sábado a cantar e a falar. Quando o Sol se põe, começa a faina da pesca.

A família Walkus está sempre envolvida em projectos da Igreja. Por exemplo, quando um seu sobrinho, que estudava na escola adventista Canadian Union, lhe disse, em conversa, que o dormitório dos rapazes estava muito precisado de obras, mais não foi preciso para que a família decidisse reunir fundos para as obras de restauro do edifício. Quando foi necessário uma nova igreja em Nanaimo, na Colômbia Britânica, a família voltou a colaborar de modo bastante substancial. Ajudaram também na

construção do edifício polivalente da escola adventista de Port Hardy. Ultimamente, estão empenhados num projecto de evangelização que consiste em levar o Evangelho aos seus contêrneos no norte da ilha de Vancôver. É um ministério que tem registado alguns progressos, mas em que há ainda muito a fazer e muitas necessidades a ser satisfeitas. O Fundo do Investimento da família Walkus tem agora 23 anos e é já bastante significativo. Contam-se por centenas os dólares entregues para diversos projectos da Igreja.

Além da satisfação de terem uma empresa rentável, com êxito e estabilidade financeira, é muito importante a paz e a alegria que sentem por ser “sócios” do Senhor. “Eu recomendo a todos o Fundo de Investimento”, diz James. “Acredito firmemente que vale a pena ter a Deus como ‘sócio’. Quando há tantos donos de empresa a abrir falência, a perder barcos, nós, mesmo num ano ruim, conseguimos ter bons resultados. Actualmente, todos os meus barcos operam de acordo com um plano de investimento e pessoalmente acho que não posso passar sem este Sócio, que é o Senhor.”

Myrne Tetz é vice-presidente do SDA Canadian Union College.

PSIQUIATRIA E PSICOLOGIA: Oferecem estas «Ciências» alguma solução?

1. Introdução

Nos dias actuais, cada vez mais se ouve empregar no nosso vocabulário quotidiano (digamos corrente) as palavras «psicologia», «psiquiatria», «psicólogo», «psicoterapeuta» e começamos a habituar-nos a ouvir, de forma quase banal, mensagens ou expressões, como: «Ele foi ao psicólogo», «Preciso de consultar um psiquiatra», etc., etc..

A vida dos nossos dias parece trazer dilemas inultrapassáveis, *stress* abundante, receios, medos, frustrações, desespero, angústia, ansiedade, depressão, neuroses, desajustes emocionais e afectivos — enfim, um sem número de problemas, vulgarmente designados pelos termos atrás mencionados. Face a estes problemas reais (digo problemas reais, porque, se bem que um determinado receio, por exemplo, seja infundado, a sua acção sobre o organismo e a mente transforma-o num problema real), um número cada vez maior de pessoas crê encontrar no psicólogo ou no psiquiatra a solução! Penso que a ideia sobre a qual se baseia tal convicção é que o psicólogo ou o psiquiatra estão habilitados com o necessário conhecimento científico para resolver a disfunção psíquica de cujo tormento se sofre! E assim se é levado a procurar a cura ou, pelo menos, para os mais realistas, o alívio dos sintomas de que se padece.

Por outro lado, a psicologia começa a ser encarada como uma ciência, moderna e apaixonante, que tem vindo a des-

ventar os segredos da mente e os mecanismos que regem o comportamento humano. Como tal, facilmente se é levado a crer que os indivíduos formados nessa disciplina estão capacitados não só a compreender os problemas da mente humana, mas, igualmente, a resolvê-los. Mas será isto verdade?

2. Conhecimento Científico

Fazendo uma retrospectiva, ainda que sumária, à história da humanidade, facilmente constatamos que uma das realidades que mais «saltam à vista» é, sem dúvida, o progresso do conhecimento científico e tecnológico, sobretudo neste último século. Efetivamente, das revelações divinas feitas a Daniel, a profecia referente a este assunto («e a ciência se multiplicará» — Dan. 12:4), encontra um eco bem profundo nos nossos dias.

Mas paremos e reflectamos na seguinte questão: o que é a ciência? Sem querer entrar em grandes dissertações filosóficas sobre o assunto, diria que a ciência é fruto, é resultado da mente humana que, mercê das suas capacidades de memória, raciocínio, pensamento, reflexão, imaginação, etc., foi construindo, ao longo dos séculos, este edifício do conhecimento a que se convencionou denominar ciência. Através dessas capacidades peculiares e específicas ao homem, este foi descobrindo as leis que regem o ambiente que o rodeia, a natureza física, o Cosmos, mas igualmente algumas leis que

regem o funcionamento dos organismos vivos (plantas e animais), incluindo o próprio homem, nos seus aspectos físicos (biológicos, químicos, etc.). Com isto não pretendo dizer que as leis da natureza fossem criadas na mente humana! De modo nenhum! As leis já existiam, na própria natureza, completamente independentes da vontade humana, mas foi através do emprego das capacidades da sua mente que o homem chegou ao conhecimento daquelas e veio assim a dominar a natureza (Gén. 1:28).

Ora, nesta perspectiva de ver a ciência emergir da mente humana é que eu penso que deveremos abordar a questão do conhecimento científico da mente humana a que a psicologia pretende dar resposta ou, supostamente, atingir esse conhecimento.

Sendo assim, uma outra questão se levanta: sendo a ciência fruto da mente humana, nomeadamente das suas capacidades, será possível estudar cientificamente (na plena acepção deste termo) aquela, ou ainda mais, vir a obter um conhecimento científico da mente? Ou seja, será possível estudá-la através dos processos e metodologias que emanaram dela própria (visto que o pensamento científico é estruturado sobre o raciocínio abstracto que apela às funções mais elevadas da mente)? Perseguir este objectivo pode ser comparado, creio, à situação caricata de ver um cão, rodando em torno de si próprio, perseguindo a sua própria cauda, procu-

rando desse modo agarrá-la! E quanto a esta questão legítima, não creio que algum cientista, filósofo ou psicólogo racionalista, consiga dar uma resposta válida ou satisfatória. A própria Bíblia, testificando deste facto, afirma: «Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto, quem o conhecerá?» (Jer. 17:9, itálico nosso).

3. Conhecimento revelado

Chegados a este círculo vicioso, sem saída, mas que nos leva a concluir da impossibilidade do estudo da mente vir a tornar-se alguma vez uma ciência (no sentido verdadeiramente epistemológico do termo), que solução podemos divisar? Que alternativa, afinal, para compreendermos o que somos e como funcionamos (em termos mentais)?

Evidentemente, e como já vimos, a solução não se pode encontrar no próprio homem. Pode alguém da sua janela ver-se a passear na rua? Assim é o homem que se tenta ver e compreender a si próprio, como homem que é!

Para obter, então, este conhecimento supremo de si próprio — que é possível — o homem terá que permitir que Alguém que o veja, lhe diga o que ele é, naquilo que ele não pode nem consegue ver por si e em si próprio!

Ora esse conhecimento, não podendo ser um conhecimento atingido pelo próprio homem, terá, pelo contrário, que lhe ser revelado! Ora, é exactamente neste ponto que reside todo o poder maravi-

hoso e sublime da Bíblia, a Palavra de Deus. Aí não encontramos o conhecimento do homem pelo homem, mas o conhecimento revelado, ou seja, o conhecimento que Deus deu de Si próprio e do próprio homem a este último. «Sabendo primeiramente isto, que nenhuma profecia (conhecimento) da Escritura provém de particular elucidação; (...) entretanto *homens santos falaram da parte de Deus.*» (II Ped. 1:20, 21, itálico nosso). Com esta nova dimensão, podemos deixar de nos revolver no nosso «círculo vicioso» horizontal, e nesta terceira dimensão (vertical, em direcção a Deus e ao conhecimento revelado) encontrar a solução!

4. Psicologia e Bíblia

Que nos diz então a Bíblia acerca do homem?

Em primeiro lugar, a Bíblia não nos diz que o homem tenha aparecido ao acaso, mas que «criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou» (Gén. 1:27). «O homem e a mulher foram formados à imagem de Deus com individualidade, o poder e a liberdade de pensar e agir. Conquanto tenham sido criados como seres livres, cada um é *uma unidade indivisível de corpo, mente e espírito*, e dependente de Deus quanto à vida, respiração e tudo o mais.»¹

4.1. Unidade na Natureza Humana

A despeito das várias descrições que nos são dadas das partes constitutivas do ser humano, atendamos, em primeiro lugar e acima de tudo, àquilo que a Bíblia nos diz a respeito das partes constitutivas da nossa natureza humana e tentemos depois compreender um pouco mais o que é o homem, compreendendo a relação que existe entre corpo, alma e espírito. «Embora a Bíblia considere a natureza humana como uma unidade, não define precisamente a relação que há entre corpo, alma e espírito. (...)

Contudo, Paulo, que se referiu à unidade dupla de corpo e espírito, falou também em termos de uma unidade tripla. Diz ele: «E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis, para a vinda do nosso Senhor Jesus Cristo.» (I Tess. 5:23). Esta passagem exprime o desejo de Paulo de que nenhum destes aspectos da pessoa seja excluído do processo de santificação. Neste exemplo, pode entender-se o corpo como a constituição física — a carne, o sangue, os ossos; por 'alma' ... podemos entender a parte da natureza humana que se exprime através dos instintos, das emoções e dos desejos (digamos, a parte que hoje designamos por funções psíquicas). Finalmente, pode entender-se o espírito como sendo «o mais elevado princípio de inteligência e do pensamento, de que o homem é dotado.»² Na nossa sociedade actual já muito se sabe e fala da primeira instância de que falámos — o corpo. Também se reconhece hoje a influência que existe entre essa primeira instância e a segunda — a mente! Efectivamente, o mecanismo etiopatogénico de muitas doenças do corpo (as chamadas doenças psicossomáticas) pode ser desvendado pela descoberta da influência da mente sobre o corpo (a influência recíproca também é verdadeira). Digamos que a compreensão deste foi mais alargada pela compreensão da instância superior que lhe preside, a mente.

De igual forma, nunca se poderá chegar a um pleno conhecimento desta segunda instância, sem compreender a influência de uma terceira instância sobre a mente (e também sobre o corpo) — e essa instância é a instância espiritual — o espírito. Mas, chegados a este ponto, ficaríamos no mesmo «círculo vicioso» de que atrás falámos, se ao falarmos do «espírito» no homem, ficássemos por aqui, porque, se assim fosse, tudo ficaria restrito ao homem...

4.2. A Dimensão Sobrenatural

Falando do espírito do homem, eu diria que o espírito é um centro de comando vital de todo o nosso ser, mas ao mesmo tempo é um «terminal receptor», terminal esse que está sujeito à influência externa de duas grandes forças exteriores a si, de carácter sobrenatural: as forças sobrenaturais do BEM e as forças sobrenaturais do MAL, as primeiras comandadas por Deus e as segundas comandadas por Satanás. No primeiro caso, a força por excelência que trabalha em cada ser humano através do nosso espírito é a que provém do Espírito Santo (Ver Rom. 8:16). É Ele quem dirige toda a vida de cada verdadeiro seguidor de Cristo e filho de Deus (Ver Rom. 8:9, 11, 14; II Tim. 1:14). Compreender esta influência sobrenatural (isto é, não natural, não visível — ver João 3:8) em cada ser humano, é penetrar no mais profundo mistério da natureza humana; não compreender isto é ficar limitado a uma dimensão apenas visível. Toda a tentativa de compreender a mente, toda a psicologia que ignorar esta realidade, está fatalmente condenada ao fracasso...

Mas, chegados a este ponto, coloquemos a seguinte questão: o que vem a ser então a psicologia? Que benefícios me pode trazer, mesmo em termos de conhecimento? Uma vez que a mente (o espírito) de cada ser humano é dirigida por uma ou outra força sobrenatural (consoante a livre vontade de cada ser humano — por isso o repto apreendido nas Sagradas Escrituras: «Escolhei hoje a quem sirvais» [Jos. 24:15] e: «Escolhe, pois, a vida, para que vivas, tu e a tua descendência, amando ao Senhor teu Deus, dando ouvidos à Sua voz, e apegando-te a Ele.» [Deut. 30:19, 20], assim os pensamentos e ideias saídas da mente humana revelarão qual a força que anima essa mesma mente: 1.º Se a força do

Espírito Santo, revelando verdades que de nenhum modo se poderão contradizer com a divina Revelação, pois esta foi revelada por Ele («... homens santos falaram da parte de Deus *movidos pelo Espírito Santo.*» (II Ped. 1:21, itálico nosso), ou 2.º Se as forças de Satanás, instigando a mentira, a confusão, a dúvida, a anarquia.

Ora, como a psicologia e a psiquiatria, longe de serem disciplina científicas (são meramente pseudo-ciências), não passam de ramos onde se amontoam teorias e mais teorias contraditórias entre si (e na maior parte das vezes também com falta de coerência interna) que o diga quem já passou por uma Faculdade de Psicologia —, não é difícil concluir qual a força sobrenatural que tem animado a mente de homens que formularam as ditas teorias. Depois, construir todo um processo de avaliação-diagnóstico com base nestas teorias erróneas, facilmente se compreende aonde se poderá chegar: à destruição da pessoa que se submete a este sistema e também daquele que dele se utiliza.

5. Psicologia e Espírito de Profecia

Ainda no prosseguimento do raciocínio que vimos seguindo, devo claramente dizer que não me surpreende absolutamente nada as palavras da pena inspirada, que eu pessoalmente considero mais que válidas nos nossos dias e que alguns tentam fazer crer que apenas eram válidas para a época em que foram escritas: «A Frenologia, a *Psicologia* e o Mesmerismo são canais usados por Satanás para atingir as pessoas com os seus astutos argumentos, levando-as à infidelidade.»³ E acrescenta ainda a pena inspirada, de forma clara e precisa: «Os verdadeiros princípios da Psicologia encontram-se nas Escrituras Sagradas.»⁴

Se alguém tem dúvidas da influência satânica velada na psicologia moderna (ou das suas tendências actuais), convidado a perscrutar o índi-

ce do último lançamento das Selecções do Reader's Digest, segundo a obra, *ABC da Mente Humana*, que pretende dar um cunho científico ao estudo de assuntos tais como: magnetismo, parapsicologia, ocultismo, magia, etc.

Conclusão

Voltando ao assunto com que iniciámos este artigo, seria conveniente lembrar a clara e poderosa advertência bíblica: «Maldito o homem que confia no homem, faz da carne mortal o seu braço, e aparta o seu coração do Senhor» (Jer. 17:5).

Todos aqueles que sofrem de problemas precisam de lembrar-se que nenhum homem — seja ele médico, psicólogo, psiquiatra ou mesmo pastor — poderá compreender e muito menos resolver os seus problemas mais íntimos; só Deus conhece a mente (coração) de cada um dos seus filhos: «Porque tu, só tu, és conhecedor do coração de todos os filhos dos homens.» (I Reis 8:39).

Por outro lado, Ele não só faz o diagnóstico correcto, porque nos conhece, mas também nos oferece a terapêutica apropriada a cada caso. (Ver I Ped. 5:7; Mat. 11:28.)

Sabemos, pelas Sagradas Escrituras, que o inimigo das nossas vidas não dorme: «Ai da terra e do mar, pois o diabo desceu até vós, cheio de grande cólera, sabendo que pouco tempo lhe resta.» (Apoc. 12:127. Por isso ele emprega «todo o poder, e sinais e *prodígios da mentira*» (notar que não são mentiras simples, mas sim mentiras elaboradas prodigiosamente) (II Tess. 2:9) «para enganar, se possível, os próprios eleitos.» (Mat. 24:24).

Querido amigo, prezado irmão: se tem problemas na sua vida, se procurou ou ainda procura o remédio para esses problemas, deambulando pelos consultórios de homens tão fracos como nós, lembre-se que, à sua disposição, está *sempre* o seu grande psicólogo: **Jesus Cristo!** Ele conhece-o, não falhará no

diagnóstico, e curá-lo-á de todos os seus problemas, por mais insolúveis que possam parecer ou por mais perdida que possa parecer-lhe a sua situação! Ele está apenas esperando que O deixe agir: «Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e cearei com ele e ele comigo» (Apoc. 3:20). Através do seu Santo Espírito, que Ele prometeu (João 14:16), Ele transformará por completo a sua vida. E esta maravi-

lhosa promessa: «Não temas, porque Eu sou contigo; não te assombres, porque Eu sou o teu Deus; Eu te fortaleço e te ajudo, e te sustento com a minha destra fiel» (Isa. 41:10), se cumprirá plenamente em si se a Ele se dirigir com fé!

Que o Seu Santo Espírito repouse em grande medida sobre cada um dos Seus filhos e sobre a Sua igreja, para que um dia possamos ter a alegria de estar com Ele no reino que nos está preparando!

Referências Bibliográficas:

1. *Os Adventistas do Sétimo Dia Crêem...* Uma Exposição Bíblica de 27 Doutrinas Fundamentais, p. 76, itálico nosso.
2. *Idem*, p. 81 e 82.
3. Ellen G. White, *Mind, Character and Personality*, vol. 1, p. 19.
4. *Idem*, p. 10.

Leituras aconselhadas:

- White, Ellen G., *Mind, Character and Personality*.
- White, Ellen G., *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*.
- White, Ellen G., *O Grande Conflito*.

Paulo Cordeiro é estudante de Teologia em Collonges.



O POMBO-CORREIO

— Avó! Venha depressa! Caiu um pássaro no tanque!

Quem assim gritava era o Miguel, um menino de seis anos. Quando a sua avó chegou à porta, viu-o de pé, na beira do tanque. Era um destes tanques de rega, que existem na província, e aquela posição em que o menino se encontrava era perigosa. A avó correu ao seu encontro:

— Cuidado, filho! Sai daí, que podes cair!

— Avó, está um passarinho a afogar-se no tanque. Ele não sabe nadar. Olhe, veja!

— Estou a ver. Vamos tirá-lo dali com o xalavar. (Xalavar é uma palavra corrente no Algarve. Vem do termo "enxalavar" e é um saco de rede, de forma cônica, com um arco de ferro na boca e um cabo de madeira, mais ou menos longo, que serve geralmente para transportar o peixe, mas que também se usa junto aos tanques de rega e piscinas para agarrar objectos.)

— Está morto?

— Não, Miguel, está vivo. E graças a ti, que o viste cair! Sabes, é um pombo-correio!

— Um pombo-correio?

— Sim, vê esta anilha? Tem uma inscrição que diz o nome do

proprietário e o seu local de origem. São aves muito valiosas.

— Olhe, avó! Ele tem um papel na anilha!

— Sim, é uma mensagem. Os pombos-correios transportam mensagens e voam muitos quilómetros. Antigamente, quando não havia telegramas nem telefones, eram eles que faziam de correio. Daqui lhes veio o nome. As pessoas levavam os pombos-correio consigo, colocavam-lhe a mensagem na anilha e eles voavam sempre em direcção a casa. É muito raro os pombos-correio perderem-se no caminho. Este, por exemplo, deve ter vindo de muito longe. Já estava cansado, viu água, quis beber e caiu no tanque.

— E agora, avó? Já não pode voar!

— As penas dos pombos segregam um óleo que, além de outras funções, serve para manter a temperatura do seu corpo e evitar que se molhem ou arrefeçam. As penas só estão molhadas exteriormente. Vamos secá-las e vamos dar de comer e beber ao pombo-correio. E vais ver que quando ele tiver descansado, ele retoma a viagem.

Avó e neto trouxeram o pombo-correio para casa. Colo-

caram-no num cestinho e deram-lhe comida e água. O Miguel não queria sair de ao pé do pombo. Queria vê-lo comer e beber, mas a avezinha não se mexia. Se não fosse o seu coração bater tanto, dir-se-ia que estava morta.

Mas estava bem viva. Depois do almoço, o Miguel foi outra vez ver o pombo-correio e descobriu que ele tinha comido e bebido e estava precisamente a cuidar das penas, usando o seu bico para isso. O Miguel estava extasiado. "Devem ser mesmo muito importantes, as suas penas! Ele trata-as tão bem! Está precisamente a deitar-lhes o óleo!"

— Miguel! chamou a avó. Vamos trazer o cesto para o sol e destapá-lo e já vais ver o que acontece!

— Já sei. Ele vai seguir viagem!

E foi mesmo. Passados alguns momentos ao sol, o pombo-correio ergueu-se, voou em direcção ao telhado, depois um pouco mais alto, deu várias voltas no ar, como se lhes estivesse fazendo adeus, e como uma seta, partiu em direcção ao seu destino.

Nós também temos uma viagem a fazer, que é a nossa vida. E temos uma mensagem a levar, que é falar aos outros do amor de Jesus. Não temos penas para voar, mas temos pés e mãos para andar e trabalhar. Com o óleo do Espírito Santo, nós podemos cumprir o nosso destino e a nossa missão. — *M. R. Baptista*

Igreja Central de Lisboa: Notícias

Dentro das actividades normais da igreja, que compreendem as reuniões regulares de sábado, a reunião evangelística de domingo, às 18:00 horas, as reuniões de oração, na quarta-feira, às 16:00 e 20:15 horas, desejamos noticiar alguns programas especiais do primeiro trimestre do corrente ano de 1991. Fazemo-lo como demonstração de apreço por quem os promove e para estímulo de outros.

Reuniões de Oração

Dado que alguns membros, por razões de trabalho e de distância, não podem participar nas reuniões de oração de quarta-feira, a igreja proporciona uma terceira reunião de oração aos sábados, às 9:30 h., antes de começar a Escola Sabatina. Foi uma iniciativa feliz, que além de aumentar a participação dos crentes nas reuniões de oração, faz com que se comece a Escola Sabatina com a presença da maioria dos membros.

Dia dos Desbravadores

Teve lugar no sábado, 2 de Março, com o programa da Escola Sabatina e do culto a cargo dos Desbravadores e seus dirigentes. De tarde, a igreja voltou a encher-se com Desbravadores,

amigos e familiares, para assistir a uma inspiradora e alegre cerimónia de investidura de Desbravadores e Tições. O programa prosseguiu, depois do pôr-do-sol, com um lanche oferecido pela direcção do clube a todos os Desbravadores, Tições e familiares. Para alguns destes, era a primeira vez que vinham à igreja, e manifestaram grande apreço por esse facto. Queremos deixar aqui uma palavra de agradecimento pelo bom trabalho que os dirigentes dos clubes estão fazendo nesta tão importante área.

Semana de Oração dos Jovens

As actividades dos jovens estão-se dinamizando nas várias áreas de acção: espiritual, social, física e recreativa. Todos os sábados, os jovens têm o seu encontro e compromisso uns com os outros, com a Igreja e com Deus. Isso acontece na programação de sábado à tarde, nas reuniões de convívio e desporto ao sábado à noite, na igreja ou no Pavilhão do Liceu Gil Vicente; nos debates de sexta-feira à noite; e ainda nos encontros das "Koinonias" (grupos de jovens agrupados por afinidades, para estudo, oração e actividades em conjunto).

Todas estas actividades do



Exame dos candidatos ao baptismo.

primeiro trimestre culminaram com a programação da Semana de Oração, de 9 a 17 de Março. O orador convidado, pastor Eugenio Rodriguez, desenvolveu durante toda a semana, com muita pertinência, o tema: "Deus ainda é necessário ao findar do Século XX". Além dos jovens e membros da igreja, um elevado número de visitas assistiu regularmente a todas as reuniões, vivendo-se não somente uma experiência interna de reavivamento, mas, também, uma verdadeira campanha de evangelização. Atingiu-se o pico desta programação no domingo, 17 de Março, com a apresentação de um programa inédito: "Seguir a Jesus é tudo". Constatou-se de uma apresentação musical feita pelo Grupo Coral "Elnaem" e pelo Grupo Cénico da igreja de Alvalade, e de uma cerimónia baptismal. A igreja, que estava repleta, com cerca de 600 pessoas, ficou literalmente comovida com a mensagem do Evangelho apresentada num estilo audiovisual ao vivo, tudo enquadrado num cenário evocando a época, os lugares e as pessoas da respectiva cena. Depois de várias exemplificações e testemunhos,

que surgiam inesperadamente do meio da assistência, sobre o que tinha sido o encontro de Jesus com a mulher adúltera, com o leproso, com Zaqueu, Nicodemos, a mulher com um fluxo de sangue, etc., o imponente cenário, representando a porta de Jerusalém, rompeu-se e abriram-se, quase automaticamente, as portas do baptistério. Surgiu então um novo cenário: seis jovens e um casal adulto testemunharam publicamente e por meio do baptismo que hoje, como no passado, o Encontro com Jesus transforma vidas e salva para a eternidade.

Louvamos e agradecemos a Deus por esta oportunidade de reconagração e testemunho em favor do Evangelho. Várias das visitas presentes manifestaram o desejo de ser visitadas e de estudar a Bíblia. Agradecemos também aos jovens das várias igrejas envolvidas no grupo cénico e no coro Elnaem, bem como aos seus dirigentes, e a todos os que colaboraram para a realização e bom êxito deste programa.

Joaquim Dias

Pastor da igreja central de Lisboa



Representação cénica de um «encontro» com Jesus.

Sotavento Algarvio: Igrejas trabalhando para Cristo

É com imensa satisfação que transmitimos aos leitores da Revista Adventista notícias de algumas actividades das igrejas do Sotavento Algarvio: Faro, Tavira e Vila Real de Santo António.

Desejamos, em primeiro lugar, louvar ao Senhor pelo projecto médico-missionário "ASA-Algarve" que está a ser posto em prática e envolverá todas as igrejas desta área, e que engloba as seguintes vertentes: (1) rastreios de hipertensão arterial, (2) prova de glicose, (3) programas audiovisuais sobre tabagismo, alcoolismo e toxic dependência, (4) programas sobre alimentação, (5) distribuição de roupas e géneros alimentícios em zonas mais carenciadas e (6) contactos com a população, com convites ao estudo da Bíblia através do curso "A Bíblia responde".

Todo este trabalho será desenvolvido numa área geográfica compreendida entre Boliquiteime e Vila Real de Santo António. A primeira fase começou no domingo 3 de Março e terminará no domingo 30 de Junho, em Monte Gordo.

Uma acção semelhante fora já iniciada pelo irmão Francisco Neves, da igreja de Portimão, no Barlavento Algarvio. Com a graça de Deus, iremos agora concretizar este maravilhoso projecto no "lado de cá" do Algarve. Todos os nossos irmãos e jovens se encontram envolvidos nestas acções. Desejamos agradecer ao Senhor a dedicação e empenho do irmão Emanuel Sacramento e sua equipa na condução deste trabalho.

Igreja de Faro

Seminário de Daniel: Foi realizado durante o mês de Janeiro e primeira quinzena de Fevereiro. Tivemos um total de 7 visitas, que estamos agora acompanhando na descoberta da Verdade Presente. No último dia deste Seminário, procedemos à entre-

ga dos certificados de presença e de algumas lembranças aos que assistiram mais de três vezes. No fim da cerimónia, tivemos um lanche-convívio, onde as senhoras da igreja revelaram os seus dotes culinários, que foram muito apreciados.

Operação "Ovelha ausente": Distribuindo os membros pelas suas áreas de residência, procuramos agora repescar todos aqueles que se encontram ausentes da igreja, através de visitas pessoais, cartões-convite e telefonemas.

Abertura de uma "igreja infantil" onde, cada dois sábados, as nossas crianças dos 6 aos 12 anos têm um culto apropriado à sua idade. A experiência tem sido positiva.

Igreja de Tavira

Escola Cristã de Férias. Realizar-se-á na primeira semana de Abril. Esperamos que através desta iniciativa a nossa mensagem e os nossos princípios cheguem aos pais das crianças e tenhamos também a possibilidade de iniciar um clube de Tições na igreja de Tavira.

Organização da igreja de Tavira. Embora vivendo já como uma igreja, Tavira é, face à nossa União, um grupo. O nosso objectivo e empenhamento é que, através da organização interna e trabalho evangelístico exterior, nós possamos tornar real o projecto de passarmos a igreja organizada, oficialmente registada na União.

Igreja de Vila Real de Santo António

Tições, Desbravadores e Companheiros. Foram reabertos nesta igreja, agora com novo ânimo e entusiasmo. O seu efeito faz-se já sentir na igreja. Não podemos deixar de agradecer aos irmãos João Ribeiro, director do clube, e ao Companheiro Narciso Lopes, o impulso que estão a dar a estas actividades.

Operação "Ovelha ausente": Também nesta igreja se está levando a efeito este programa de recuperação dos membros que há já algum tempo não frequentam a nossa igreja. Os métodos de trabalho são os mesmos que se estão a utilizar em Faro.

Resta-nos ainda muito a fazer nestas terras algarvias. Mas, lon-

ge de desanimarmos, desejamos agradecer ao Senhor o que nos tem ajudado a conseguir e colocamo-nos nas Suas poderosas mãos, antevendo, com alegria, o muito que Ele realizará no Sotavento Algarvio para honra e glória do Seu nome.

Paulo Renato F. Garrochinho
Pastor das igrejas do Sotavento Algarvio

Aguardando a Ressurreição

Carlos Alberto Leça Tavares



Vítima de um mal incurável, adormeceu serenamente, em Vila Nova de Falmalhão, na manhã de sábado,

19 de Janeiro do corrente ano, o irmão Carlos Alberto Leça Tavares. Tinha 48 anos.

Oriundo de Angola, radicara-se nesta cidade há cerca de onze anos e aqui desenvolveu grande actividade no campo da electrónica. Todavia, além da sua actividade empresarial, nunca deixou de ser um membro muito activo na igreja de Delães, onde, ultimamente, exerceu os cargos de ancião e director da Sociedade Missionária. Fez também parte da comissão das obras para a nova igreja de Delães — agora designada de S. Mateus — e foi um dos que muito se empenharam para que a mesma fosse uma realidade. Devido ao seu já tão debilitado estado de saúde, não lhe foi possível estar presente na inauguração da nova igreja, exactamente uma semana antes do seu adormecimento, ou seja, no Sábado 12 de Janeiro.

O nosso irmão dorme agora em Jesus, até ao grande dia da Ressurreição, e nós repetimos aqui as palavras do apóstolo Paulo: "Se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem, Deus os tornará a trazer com Ele."

Partilhamos a triste provação que veio ferir particularmente sua esposa e filhos, alguns ainda pequenos,

e pedimos ao Senhor que os ampare e conforte na sua dor.

Francisco Magina Pedro

Secretário-tesoureiro da igreja de S. Mateus (ex-Delães).

Dalila Vieira Evaristo Cabrita

— Pioneira do grupo adventista de Viana do Castelo



É com profundo pesar que a igreja de Viana do Castelo leva ao conhecimento dos irmãos a notícia do fale-

cimento da irmã Dalila Vieira Evaristo Cabrita, ocorrida nesta cidade a 25 de Janeiro do corrente ano.

Dalila Cabrita, directora do grupo adventista de Viana, foi a pioneira da Mensagem na capital do Alto Minho, dedicando a sua vida a esta obra que tanto amava e queria ver progredir. Partiu, mas deixou-nos o exemplo e certeza de que a vida cristã pode ser uma bênção constante, se for usada no trabalho para o Senhor.

Muitos foram os pastores, irmãos e jovens da Igreja Adventista em Portugal que em casa da irmã Dalila estudaram a Palavra do Senhor, pois o seu lar foi durante muito tempo o nosso "templo" de Viana.

À nossa querida irmã, a quem muitas vezes chamávamos "avó", devido ao carinho com que nos tratava, devemos estas linhas de homenagem, na certeza de que um dia Jesus a despertará do sono para a vida eterna.

Álvaro Bastos, Colportor-evangelista